

A QUEDA

Gênesis 3.1-24

Introdução

O amor, a alegria, a paz, a harmonia do paraíso foram destruídos pela desobediência humana, ou pela “*queda*” do homem.

Mas não seria a história de Adão e Eva um mito, uma fábula teologicamente verdadeira, mas não no aspecto histórico? Muitos pensam assim, mas eu estou entre os dissidentes. Certamente a serpente falou e as árvores com nomes específicos do jardim não eram figuras míticas, mas reais. Elas reaparecem mais adiante na Escritura de uma forma obviamente simbólica: “*árvore da vida*” (Ap 2.7; 22.2,14) e a “*antiga serpente, que é o Diabo*” (Ap 12.7; 20.2).

O apóstolo Paulo, no entanto, afirma categoricamente, a historicidade de Adão. Ele traça um paralelo entre Adão e Cristo, argumentando que assim como o pecado e a morte entraram no mundo através da desobediência de um homem, Adão, a salvação e a vida foram oferecidas a nós pela obediência de um homem, Jesus Cristo (Rm 5.12-21).

Seu argumento seria pouco convincente se a desobediência de Adão não fosse tão histórica quanto a obediência de Cristo.

1. Negando a veracidade de Deus (Gn 3.1)

Devemos ter em mente que Deus deu a Adão e à Eva três instruções:

a) A permissão para comerem livremente dos frutos de todas as árvores do jardim (Gn 2.16).

O primeiro dever solene que Deus dá a Adão. O homem tinha escolha e somente em sua condição anterior à Queda tinha liberdade perfeita para fazer o que é bom.

b) A proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17)

A ordem pactual negativa foi um teste de obediência, mas também um teste de confiança do homem em Deus – esse Deus que sabia o que era certo para o homem, melhor que o próprio Adão.

c) A punição no caso da desobediência (Gn 2.17)

A morte, mencionada aqui pela primeira vez na Bíblia, não era parte da criação original (Gn 1.29-31), mas veio pela violação da lei de Deus por Adão (Rm 5.12).

A serpente, sendo mais astuta que todas as outras criaturas, torceu essas instruções, transformando-as em tentações. A astúcia de Satanás ainda emprega essas mesmas táticas.

O Diabo negou a veracidade de Deus. Deus havia dito que no dia em que Adão e Eva comessem do fruto proibido, certamente morreriam (Gn 2.17). Porém, o Diabo lhe diz: Certamente não morrerão (Gn 3.4). Desta forma, Eva se viu diante de uma contradição. Ambas as afirmações não poderiam estar corretas; uma delas era uma mentira. Mas qual delas? Infelizmente, ela acreditou na mentira do Diabo e duvidou da veracidade de Deus.

Porém, Deus estava falando a verdade. Adão e Eva morreram espiritualmente (Ef 2.1). Até pecarem, eles podiam comer livremente da árvore da vida, mas agora haviam perdido esse acesso privilegiado, e a caminho para a árvore da vida passou a ser estritamente vigiado (Gn 3.22-24). Ao mesmo tempo, seus corpos também se tornaram mortais. Deus disse a Adão: “*Porque tu és pó, e ao pó tornarás*” (Gn 3.19). Os vestígios fósseis indicam claramente que a morte sempre existiu nos reinos animal e vegetal. Mas parece que Deus desejava que os seres humanos, feitos à sua imagem, experimentassem um fim mais nobre que a desintegração que chamamos de “*morte*”, talvez um tipo de “*translado*” como aconteceu com Enoque e Elias, que não passariam pela morte (Gn 5.24; 2 Rs 2.11).

Um estudante que estava concluindo seu curso na Universidade disse o seguinte: *“Anseio pela liberdade, e estou me sentido cada vez mais livre desde que desisti de Deus”*. A verdadeira liberdade, no entanto, não está em se libertar do jugo de Cristo, mas submeter-se a ele, ou seja, abster-se do que ele nos proibiu. A obediência conduz à vida, e a desobediência, à morte (Mt 11.28-30).

2. Negando a bondade de Deus (Gn 3.1-5)

O segundo elemento da astúcia de Satanás foi negar a bondade de Deus. A desobediência não somente não implicaria qualquer penalidade (*“certamente não morrerão”*), como também traria uma bênção (*“seus olhos abrirão”*). O diabo afirmou que Deus deliberadamente negou-lhes o conhecimento que obteriam se comesse, pois não estava interessado no bem-estar de ambos, mas em seu empobrecimento.

Em suas instruções originais sobre o fruto do jardim, Deus havia sido absolutamente direto, colocando de forma clara o que eles podiam fazer, dentro da liberdade que desfrutavam, e o que não deviam fazer. Nesse ponto, o demônio convenientemente ignorou a ampla provisão de frutos que Adão e Eva tinham à disposição, dos quais podiam comer livremente. Por causa dessa provisão, nada lhes faltava. Satanás, no entanto, torceu essa verdade, fazendo com que aquilo que era permitido se tornasse insatisfatório e o que era proibido se tornasse desejável.

Ainda hoje, uma das atividades favoritas do Diabo é fazer com que tudo aquilo que é permitido por Deus pareça sem graça, e tudo o que é proibido, atraente. A imagem que ele nos apresenta de Deus é a de um papão, monstro que está sempre nos negando o que é bom.

Precisamos de discernimento para *“pôr à prova todas as coisas”* e *“ficar com o que é bom”*, *“afastando-nos de toda forma de mal”* (1 Ts 5.21-22). Precisamos também confiar em Deus, aquele *“cujo caminho é perfeito”* (Sl 18.30).

3. Negando a natureza singular de Deus (Gn 3.4-6)

A terceira tática do demônio foi negar a natureza singular de Deus. Ele disse à mulher: *“Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”* (v. 5).

Ele tentou Eva acenando-lhes com a possibilidade de ela se tornar como Deus. Nessa sugestão diabólica a essência do pecado se torna evidente, pois Adão e Eva foram criados à semelhança de Deus e desta forma eles já eram *“como Deus”* em tudo aquilo que ele desejava que eles tivesse a sua essência, isto é, na capacidade racional, moral, social e espiritual que lhes avia concedido.

A característica fundamental que os tornava diferentes de Deus e semelhantes aos animais estava no fato de eles dependerem de Deus como suas criaturas. Só Deus é autossuficiente. Todos os outros seres dependem dele como criador e sustentador, incluindo os seres humanos. Foi contra isso que Adão e Eva se rebelaram. Por que deveriam permanecer naquela situação humilhante de dependência e subordinação? Por que não declaravam sua independência e se tornavam iguais a Deus? Eles não iriam morrer; ao contrário, se tornariam como Deus.

Esse espírito de independência e arrogância ainda repercute em nossos ouvidos até hoje. Afirmamos que o homem já *“atingiu a maioridade”*, portanto não precisa mais de Deus. Ele pode muito bem aprender a viver sem Deus. Na verdade, ele pode se tornar como Deus.

Porém, está e a natureza fundamental do pecado. O pecado é não reconhecer que Deus de fato é Deus, é recusar-se a admitir sua natureza singular e a nossa dependência contínua dele. O pecado é a uma rebelião contra a autoridade exclusiva de Deus; é achar que somos donos de nossa própria vida.

4. Vergonha e culpa (Gn 3.7)

Vergonha e culpa foram duas consequências imediatas da queda de Adão e Eva. Primeiramente, eles sentiram vergonha. Por terem desobedecido à ordem de não comer do fruto

proibido, como consequência *“os olhos dos dois se abriram”*. É claro que o texto não está se referindo aos olhos físicos, mas os olhos de suas consciências. Eles agora enxergavam claramente a tolice e o pecado que haviam cometido ao se rebelarem contra Deus. Além disso, sua nudez física, da qual não se envergonhavam anteriormente (2.25), agora os enchia de constrangimento, simbolizando seu sentimento de culpa diante de Deus. Mas, apesar deles terem confessado seu pecado, aparentemente eles não perceberam as implicações disso tudo, já que acharam que poderiam cobrir sua vergonha com um patético avental de folhas de figueira (3.7).

O segundo expediente a que Adão e Eva recorreram foi jogar a culpa um no outro. Adão culpou Eva por ter-lhe dado o fruto e foi mais longe, culpando também a Deus por ter-lhe dado Eva como companheira (v. 12). Quando Deus perguntou a Eva o que ela havia feito, ela culpou a serpente por tê-la enganado (v. 13).

Vergonha e culpa são desculpas bastante atuais. Podemos nos tornar especialistas em arranjar desculpas para tentar diminuir nosso sentimento de vergonha e em culpar os outros. *“Eu nasci assim”*, dizemos, ou *“meus pais me criaram assim”* ou ainda, *“minha família é assim, não é minha culpa”*. Entretanto, uma característica essencial de nossa humanidade feita à imagem de Deus é que assumamos a responsabilidade pelas escolhas que fazemos.

5. Relacionamentos rompidos (Gn 3.16-17)

Os primeiros dois capítulos de Gênesis afirmam que Deus fez o homem a mulher a sua imagem. Esta imagem deveria ser reconhecida acima de tudo em nossos relacionamentos humanos – com o próprio Deus (que conversa com Adão e Eva), uns com os outros (refletindo a comunhão entre as pessoas da Trindade), e com a boa terra (sobre a qual recebemos o domínio responsável).

A desobediência de nossos primeiros pais, no entanto, levou ao rompimento desses três relacionamentos principais.

Primeiro, Adão e Eva tentaram se esconder de Deus, e foi aí que teve início a maior de todas as tragédias. Os seres humanos, criados por Deus, para Deus e à sua própria imagem iriam agora tentar viver suas vidas longe de Deus. Todo o nosso senso de desorientação se origina dessa alienação de Deus. *“Suas maldades separaram vocês do seu Deus; os seus pecados esconderam de você o rosto dele”* (Is 59.2).

Segundo, Adão e Eva não somente culparam um ao outro como descobriram que o seu relacionamento sexual havia se deturpado. A promessa de fertilidade (Gn 1.28) seria agora acompanhada tanto de dor como de prazer, e no lugar da pretendida parceria entre os sexos, haveria conflito, pois Adão passaria a *“dominar”* sua esposa (3.16).

Terceiro, embora Adão e Eva tivessem recebido o domínio sobre a terra e a responsabilidade de cultivar e cuidar do jardim, o solo agora estava amaldiçoado, e seu cultivo implicaria sofrimento e esforço árduo (v. 17-19).

Esse triplo rompimento de relacionamentos só será reparado através de Cristo e de seu evangelho da reconciliação.

6. Lampejos, centelhas, fragmentos da graça (Gn 3.8,9,21)

A situação é agora terrível, e a perspectiva sombria. Adão e Eva haviam se rebelado contra a autoridade de Deus, e agora só lhes restava ter que suportar as consequências do seu próprio erro. Porém, é nesse cenário de pecado, culpa e juízo que vemos surgir alguns lampejos da graça.

O Senhor Deus *“andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia”*. O trabalho do dia havia chegado ao fim, e o Senhor, como de costume, estava dando uma volta pelo jardim, no final da tarde. Podemos supor que Adão e Eva geralmente o acompanhavam nesse passeio. Mas agora ninguém podia vê-los pois estavam escondidos. Entretanto, Deus continuou sua caminhada, procurando e buscando pelo casal que havia desaparecido.

A seguir, “o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: ‘Onde está você?’”. Atualmente, a situação tende a se inverter – falamos da busca do homem por Deus. A realidade, contudo, é que Deus está buscando o homem. Enquanto Adão e Eva estavam escondidos por entre as árvores, o Senhor Deus, deu pela falta deles, buscou-os e chamou por eles.

Por fim, embora a consciência da nudez fosse culpa deles e consequência de sua desobediência, o Senhor Deus se apiedou de sua vergonha e quis fazer algo para aliviá-la. Assim, ele “*fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher*” (v. 21). Agora, a pele só estaria disponível depois que um animal fosse morto. Esta não seria uma clara indicação, como é possível constatar em várias outras passagens, de que o perdão para a culpa humana só poderia ser obtida através do sangue derramado em um sacrifício, prenunciando assim a salvação através do sangue de Cristo? Talvez. Mas o que está explícito aqui é que Deus determinou dar a Adão e a Eva uma cobertura muito melhor do que eles poderiam prover para si, fornecendo-lhes vestes de pele feitas sob medida, em lugar de aventais de folhas de figueira. Em ambos os casos, Deus tomou a iniciativa, e o nome apropriado para esta iniciativa divina imerecida é graça.

7. Graça especial e graça comum (Gn 3.14-15)

No ponto anterior, lampejos da graça. Porém, neste ponto temos o que costumamos chamar de “*proto-evangelho*”, ou a primeira proclamação do evangelho da graça, encontrado em Gênesis 3.15, quando Deus declara seu juízo contra a serpente. Podemos dividi-la em duas partes.

Primeiramente, Deus anuncia que porá inimizade entre a serpente e a mulher. Esta inimizade permanecerá futuramente como uma hostilidade entre a família da serpente (Jo 8.44) e a posteridade de Eva (evidentemente referindo-se à sua descendência espiritual).

Em segundo lugar, Deus prediz que esse conflito secular culminará em sofrimento maior para Satanás do que para o descendente de Eva, pois haverá um único vencedor. Deus diz que “*este lhe ferirá a cabeça*”, desferindo um golpe mortal na serpente, enquanto que “*você lhe ferirá o calcanhar*”. Ou seja, ela não irá escapar de sair ferida.

Essa decisiva, porém dolorosa vitória sobre o demônio foi conquistada na cruz, quando Jesus Cristo desarmou e destronou os principados e potestades, triunfando sobre eles (Cl 2.15), e nos libertando da escravidão de Satanás. Esta é a demonstração mais sublime da graça especial de Deus.

Ao mesmo tempo, a graça comum é estendida a todos. Por exemplo, quando Eva ficou grávida e deu à luz a Caim, ela disse: “*Com auxílio do Senhor tive um filho homem*” (Gn 4.1). Como ela poderia dizer que foi com o auxílio do Senhor se ela e seu marido haviam acabado de ser expulsos da presença do Senhor (3.22-24)? Como ela poderia recorrer à ajuda de Deus no nascimento de seu filho? A resposta é que embora a graça especial de Deus traga salvação aos que creem, sua graça comum é estendida a toda humanidade, fornecendo provisão de vida, saúde e de todas as coisas necessárias à sobrevivência.

Estudo bíblico ministrado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano, dia 02/06/2019, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba